

Mausolú de Bernardino de Senna Fernandes
no Cemitério de São Miguel Arcanjo, Macau.



BERNARDINO DE SENNA FERNANDES

PRIMEIRO BARÃO, VISCONDE, E CONDE
DE SENNA FERNANDES
COMENDADOR DE CRISTO, TITULO DO CAVALLEIRO DA CASA REAL,
CAVALLEIRO DA TORRE E ESPADA, CONSUL DE ITALIA E DE SIAM,
COMENDADOR DO ELEPHANTE BRANCO, ETC.ETC.
NASCEU EM MACAU AOS 20 DE MAIO DE 1815
FALLECEU CRISTAMENTE NA MESMA CIDADE AOS 2 DE MAIO DE 1892
ESPERANDO RESURREICÃO GLORIOSA DESCANSAM OS RESTOS MORTALES
DO ESPOSO QUERIDO, CARINHOSO PAI, E DEDICADO AMIGO
NESTE MONUMENTO DE SAUDADE CONJUGAL E FILIAL PIEZADO,
ERIGIDO
PELA CONDESSA DE SENNA FERNANDES SEUS FILHOS, NORA E SENHOS,
ORAMOS PELLO ETERNO DESCANSO DO SAUDOSO FINADO.

P. N. A. M.

QUE DITOU E PARIENTE ABELLE QUE PROCURA
SER TAL NA FIDELIDADE, BEZAJA QUE DEUS O FAÇA
NA MORTE, UNO DE OS SANTOS

ANNA THERESA FERREIRA

NASCEU AOS 17 DE JUNHO DE 1860
FALLECEU AOS 4 DE FEVEREIRO DE 1920

BERNARDINO DE SENNA FERNANDES (SEGUNDO CONDE)
NASCEU EM 22-6-1867 - FALLECEU EM 12-10-1911

CONDESSA MARIA FRANCISCA XAVIER DE COUTO DE SENNA FERNANDES
NASCEU EM 5-9-1868 - FALLECEU EM 22-1-1955

BERNARDINO DE SENNA FERNANDES (TERCEIRO CONDE)
NASCEU EM 1-10-1892 - FALLECEU EM 15-6-1971

CONDESSA MARIA DA NATIVIDADE CARLOS DE SENNA FERNANDES
NASCEU EM 22-10-1893 - FALLECEU EM 15-3-1978

COMENDADOR EDMUNDO JOSÉ DO COUTO DE SENNA FERNANDES
NASCEU EM 20-9-1897 - FALLECEU EM 15-2-1991

MARIA LUIZA D'OLIVEIRA RODRIGUES DE SENNA FERNANDES
NASCEU EM 12-1-1902 - FALLECEU EM 5-12-1984

UNG SAU NENG SENNA FERNANDES
NASCEU EM 26-1-1939 - FALLECEU EM 14-1-1992

Senna Fernandes: Família, Cultura e Diáspora

ALFREDO GOMES DIAS*

INTRODUÇÃO

Nos últimos dois séculos, a família Senna Fernandes ocupou um lugar de destaque na vida política, económica e social de Macau. Ao longo de sucessivas gerações, esta família confundiu-se com a própria história da cidade, quer pela actividade política dos seus membros, quer pelo lugar social e cultural que muitos ocuparam. Mas não só. Também porque a sua presença em Macau ilustra o modo como se formaram as famílias macaenses, acolhendo homens e mulheres de origens diversas e, ainda, participando na diáspora que levou o nome do pequeno Território a todos os continentes.

FAMÍLIA: ANTÓNIO VICENTE FERNANDES DOS REMÉDIOS

Como todas as famílias, também a família Senna Fernandes não tem princípio nem fim. A anunciar esta verdade encontramos o primeiro nome identificado por Jorge Forjaz,¹ António Vicente Fernandes dos Remédios, que nasceu num ano próximo de 1740, num local que o tempo escondeu. Talvez Macau, muito provavelmente Macau.

Certa é a ligação da família à cidade, testemunhada pelos seus dois filhos, Pedro e Vicente, ambos filhos de

Macau, ambos casados em Macau. E foi do casamento do seu filho mais novo, no anúncio do século XIX, Vicente José Fernandes (1785-1855), que nasceu a síntese com o apelido Senna, oferecido por sua esposa, Ricarda Constantina de Senna.

Do casamento entre Vicente e Ricarda nasceram cinco filhos em Santo António, dois dos quais a ocuparem um lugar de destaque na sociedade macaense da sua época, profetizando épocas futuras. Começamos pelo seu quarto filho, Nicolau Tolentino Fernandes (1823-1898), tipógrafo e proprietário da Tipografia Mercantil N. T. Fernandes, uma empresa premiada nos EUA, em Macau e em Paris, voltada para uma actividade a que muitos macaenses, em Macau e na diáspora, se dedicaram, principalmente nos seus dois primeiros territórios de destino, Hong Kong e Xangai. Mas foi o seu irmão mais velho, e primogénito, aquele que se afirmou na cidade, aliando à criação primeira do apelido Senna Fernandes a capacidade de conciliar um título nobiliárquico com a actividade mercantil que, desde sempre, deu a Macau a sua razão de existir. Bernardino de Senna Fernandes (1815-1893) percorreu quase todo o século XIX, surgindo como um dos quarenta maiores contribuintes de Macau naquela época, e transformando-se num importante exemplo da elite política e socioeconómica da cidade.

Bernardino, o primeiro Senna Fernandes, protagonizou importantes momentos da vida social de Macau ao longo de uma vida de quase oito décadas, distinguindo-se pela sua actividade diplomática, política e económica: cônsul e inspector dos incêndios, superintendente da Emigração Chinesa, presidente da Comissão de Administração da Santa Casa

* Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de Lisboa. Docente da Escola Superior de Educação (Lisboa) e investigador do Centro de Estudos Geográficos.

Ph.D. in Human Geography from Lisbon University. Lecturer at Lisbon's Escola Superior de Educação and researcher in the Centro de Estudos Geográficos.

MACAU: ARTES & LETRAS - I

da Misericórdia e sócio fundador da Associação Promotora da Instrução dos Macaenses.

Casou duas vezes. As mulheres com quem partilhou a sua vida familiar, ambas naturais de São Lourenço, representam a sua fidelidade à escolha pelas “filhas da terra”. Primeiro, com Antónia Maria de Carvalho (1814-1851). Depois, em 1862, contraiu matrimónio com Ana Teresa Vieira Ribeiro (1846-1929) com quem teve nove filhos, ilustrando a tradicional composição das famílias macaenses.

No final do seu longo percurso de uma vida que se confunde com a história de Macau, Bernardino de Senna Fernandes recebeu o título de 1.º barão de Senna Fernandes (1889), elevado a visconde, em 1890, e a conde, cerca de um mês antes de falecer no dia 2 de Maio de 1893.

DE GOA, DE LISBOA...

A comunidade macaense, euro-asiática, síntese de povos e culturas, alimentou-se de muitos dos que, oriundos de outras partes do mundo, se integraram nas famílias macaenses por via do casamento. Assim, arriscamo-nos a avançar a ideia de que os afectos ajudaram a marcar a origem, a forma, o ritmo e o caminho seguido no processo de construção da comunidade, da sua composição e da sua identidade.

De Goa chegaram homens que transportavam já consigo outras sínteses culturais que se foram formando pelo contacto entre portugueses e asiáticos. Diogo Fernandes e Carlos Rodrigues, naturais de Goa, casaram em Macau com duas netas de António Vicente Fernandes dos Remédios. O primeiro, militar, casou em 1817 com Joana Vicência Fernandes (n. 1797). O segundo contraiu matrimónio, em 1819, com Maria da Esperança Fernandes.

De Portugal foram aportando muitos outros que, uma vez chegados a Macau, optaram por nela permanecer, transformando a terra de acolhimento temporário em lar definitivo. Muitos, naturais de Lisboa, alguns de outras regiões lusas, mas



Ana Teresa Vieira Ribeiro.

todos nascidos no país que ofereceu à comunidade macaense importantes referentes que contribuíram para a construção e reconstrução da sua identidade cultural.

De Lisboa chegou José Maria Lopes (n. 1872), militar e engenheiro, que se integrou na família Senna Fernandes ao casar, em 1916, com uma filha de Bernardino Senna Fernandes Jr. (1867-1911), Ana Teresa Senna Fernandes (1894-1919). Esteve apenas casado três anos: Ana Teresa faleceu no dia 1 de Agosto, duas semanas depois de ter dado à luz o seu segundo filho, Maria de Lourdes de Senna Fernandes Lopes, nascida em S. Lourenço em 16 de Julho de 1919.

Do Algarve, um outro militar aportou a Macau: Stélio Martins dos Santos (n. 1929), natural de Silves, casou com Maria Francisca Teresa de Senna Fernandes (n. 1932), em S. Lourenço, no ano de 1957.

Octávio Carvalho Galvão Figueiredo nasceu em Coimbra e casou em Macau, em 1947, com Maria do Carmo de Senna Fernandes (n. 1920), e Telmo da Graça Macedo Pereira de Vasconcelos (n. 1918), natural de Sever do Vouga, casou na Sé com Maria Leonor Rodrigues de Senna Fernandes (n. 1928).

Foram estes homens, e muitos outros, que ofereceram à comunidade macaense e, em particular, à família Senna Fernandes, o seu lado português e europeu, casando com as filhas da terra e, desse modo, levando o “mundo” para Macau, para a comunidade macaense e para cada uma das famílias que assumiram como sua. Um mundo que não se limitou ao continente europeu, mas que passou também por uma África que, na época, se dizia portuguesa. Como Leandro Joaquim dos Santos Gonçalves (n. 1968), natural de Moçambique, que foi o segundo marido de Isabel Maria de Senna Fernandes (n. 1965), nascida em Santo António.

CULTURA E FAMÍLIA

Pensemos no conceito de cultura como “o produto de uma elaboração constante, participada

MACAO: ARTS & LETTERS - I

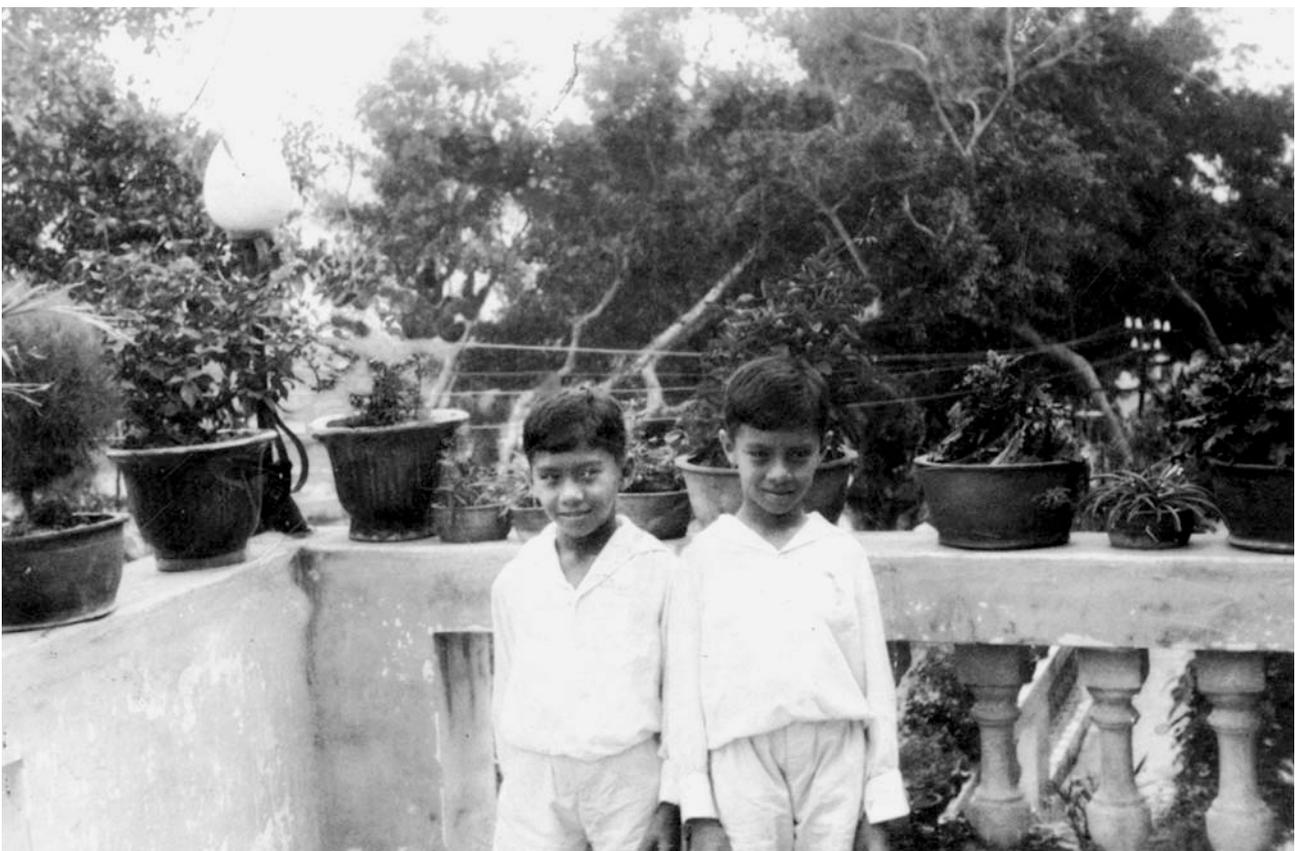
por comunidades de diversas origens em que são cada vez mais relevantes os seus contributos para novas configurações culturais.”² A família Senna Fernandes é um exemplo de como a comunidade macaense se foi formando, ao longo de gerações, desde meados do século XVI, quando os portugueses começaram a fixar-se na península de Macau.

Neste caso concreto, não nos é possível recuar a origens temporais tão remotas. Mas tal ambição também se nos afigura desnecessária. Estamos perante um processo de longa duração que se inscreve na história de Macau desde os seus primórdios e, em particular, na história dos migrantes que passaram pela cidade, quer os que a ela chegaram, ficando ou partindo depois; quer os que dela partiram, muitos definitivamente, outros para a ela regressar. Trata-se de um movimento de pessoas moldado pelos ritmos, funções e contextos espaço-temporais de uma cidade portuária, localizada no sul da China, integrada em diferentes espaços geográficos que se cruzavam entre si: para além do Celeste Império, o vizinho Sueste Asiático

e, ainda, o império asiático português centralizado em Goa até meados do século XIX.

Cada uma das famílias macaenses é depositária da dimensão humana e cultural dos movimentos migratórios, como tivemos ocasião de apresentar no caso da família Senna Fernandes. Reinóis, goeses, entre muitos outros, que aportaram a Macau e se foram integrando nas famílias da terra, contribuíram para a permanente reconstrução de uma identidade cultural que se foi afirmando ao longo dos séculos e que surge consolidada aos nossos olhos no século XIX. Um macaense remete para o século XVII, mais concretamente, para o momento dramático da tentativa de conquista holandesa em Junho de 1622, a confirmação da existência dos filhos da terra, os macaenses, “diferenciados de portugueses, castelhanos, moços, escravos e cafres. Sessenta e cinco anos depois do estabelecimento de Macau, período suficiente para a geração de três gerações, entraram em cena esses ‘filhos da terra’, de entre homens capazes de pegar em armas, para a defesa da sua terra natal contra os holandeses.”³

Henrique de Senna Fernandes, à esquerda, e o irmão, Edmundo, “Édi” (anos 30).



MACAU: ARTES & LETRAS - I

Talvez se possa confirmar a existência de macaenses com uma identidade autónoma, recuando tanto no tempo. Confessamos a nossa incapacidade para confirmar ou recusar tal hipótese, neste momento, e disponibilidade para continuar a procurar uma resposta suficientemente convincente e, tanto quanto possível, provada.

IDENTIDADE CULTURAL

Seja como for, os filhos da terra, os portugueses de Macau, vão-se afirmando nas estruturas sociais, económicas e administrativas da cidade, assumindo a sua cultura, o seu *habitus*, isto é, o “conjunto de esquemas fundamentais, precisamente assimilados, a partir dos quais se engendram, segundo uma arte da invenção semelhante à da escrita musical, uma infinidade de esquemas particulares, directamente aplicados a situações particulares.”⁴ Esquemas que integram todas as experiências passadas, a partir dos quais variam as percepções, apreciações e acções de resposta à diversidade de situações criadas pelo quotidiano.⁵

Partilhamos a ideia de que o espaço social é construído de tal modo que os agentes ou os grupos são nele distribuídos segundo dois princípios de diferenciação: o capital económico e o capital cultural.⁶ Macau pode ser assim assumido como um microcosmo social onde as diferentes famílias – nós de uma rede social fundamental na sociedade de origem e no processo migratório – ocupam determinados lugares em função do seu espaço social determinado pelos capitais económico e social que são portadoras. Um espaço social que se define por uma ilimitada multiplicidade de espaços sociais, coexistindo ou sobrepondo-se, a partir da qual se constrói uma determinada formação social.⁷

Do ponto de vista económico, o retrato social atrás esboçado permite aproximar a família Senna Fernandes de uma elite que assumiu, desde o início de oitocentos, um relevante protagonismo na sociedade de Macau. Um lugar socioeconómico que, face às mudanças estruturais que ocorreram na China e na Ásia Oriental depois da I Guerra do Ópio (1839-1842), exigiu que se encontrassem novas respostas para os novos problemas que emergiram na sociedade macaense. A emigração foi uma delas e, para a sua concretização, cada uma das famílias mobilizou o capital cultural de que era portadora e que se foi sedimentando

durante o movimento secular de reconfiguração de toda a comunidade macaense.⁸ Esta realidade é confirmada pela definição do próprio conceito de capital cultural, uma vez que este se afirma, no essencial, como os modos de pensar, sentir e agir herdados do passado e transmitidos, fundamentalmente, no seio da família de formas explícita e difusa.

TENDO MACAU POR APELIDO

Todos os migrantes macaenses que participam na diáspora levam, escondido, o apelido “Macau”, entre o seu nome próprio e os nomes de família. Macau é o nome que os liga à família e, também, a toda a comunidade a que pertencem, garantindo a sua identidade individual e colectiva na terra alheia que escolheram para viver, num outro qualquer continente, país e cidade.

A opção pela emigração é sempre individual mas, no caso macaense, foi suportada pela teia das relações familiares que ajudaram à saída de Macau e à integração no destino onde, outros macaenses, principalmente os da sua família, presente ou futura, o aguardavam.

Mas existe sempre uma primeira vez. Podemos sempre tentar encontrar o primeiro que, talvez mais destemido, se aventurou a partir. Ou simplesmente porque foi ao encontro de uma nova família... macaense.

Casimira Catarina de Senna Fernandes (1863-1942) é o mais antigo elemento da família a participar na diáspora. Casou na Sé com José Maria de Castro Basto (n. 1854), comerciante em Xangai e Hong Kong. Foi para esta colónia britânica que Casimira Catarina partiu, a ela chegando em 1909⁹ depois de já terem nascido, em Macau, os seus onze filhos. Regressou a Macau, como centenas de outros macaenses, durante os anos da II Guerra Mundial, onde encontrou o seu porto de refúgio.¹⁰ Também para Hong Kong partiu Maria Luísa Rodrigues de Senna Fernandes (n. 1926), onde casou, em 1957, com José António Cardoso de Almeida, natural de Estremoz e coronel de artilharia.

Mas existiram outros destinos escolhidos por muitos dos migrantes macaenses da família Senna Fernandes.

Hugo Maria Lopes (n. 1916), filho de Ana Teresa de Senna Fernandes, de quem já falámos anteriormente, casou em Toronto, em 1951, com Lídia Maria Bordalo Lopes. Por seu lado, Maria de

MACAO: ARTS & LETTERS - I



A família Senna Fernandes, ca. 1946, meses antes da partida para estudos em Portugal. Da esquerda para a direita: primeiro plano: Maria de Lurdes “Lurdinhas”, Maria Luíza “Zete” Rodrigues de Senna Fernandes, Gabriela, Edmundo José de Senna Fernandes e João Manuel; segundo plano: Cecília, Luísa, Amália, Fernanda, Henrique, Edmundo “Édi”, Gustavo, Leonor e Cristina.

Lourdes de Senna Fernandes Lopes (n. 1919) casou em New Jersey, EUA, no ano de 1952, com Arnald Beukemen, com quem teve três filhos. Maria Angelina de Senna Fernandes (1895-1977) casou em Cantão, em 1923, com Alberto Bontein da Rosa. António José de Senna Fernandes (n. 1953) casou em S. Paulo, Brasil, em 1878, com Sueli das Graças de Castro, brasileira, natural de Formiga (Minas Gerais). Em Lisboa casou Maria Tereza de Senna Fernandes (n. 1931) com João de Sena Cabral Araújo dos Santos, onde nasceram os seus dois filhos. Finalmente, Mário Jorge de Senna Fernandes do Nascimento Mendes (n. 1960) casou na África do Sul com Janet Louise Anderson. Os seus dois filhos nasceram na Cidade do Cabo.

Entre o local de nascimento, Macau, e os de casamento, Toronto, New Jersey e S. Paulo, realizados por membros da família macaense, é possível

“adivinhar” os principais destinos migratórios de toda a diáspora e confirmar o modo como se dispersaram pelos quatro cantos do mundo, contribuindo para que a migração dos macaenses ganhasse os contornos de uma diáspora. A estes nomes poderíamos juntar muitos outros da família Senna Fernandes que optaram por emigrar, como outros macaenses de outras famílias. Neste particular, nada a distingue, apenas servindo de exemplo que nos ajuda a ilustrar o movimento incessante dos filhos da terra que saíram de Macau em busca de uma nova vida em velhas terras.

POR FIM, PARTIR, FICANDO

O conceito de diáspora, para além da sua dimensão espacial (dispersão por diferentes territórios) e temporal (prolongamento por diferentes gerações),

MACAU: ARTES & LETRAS - I

pressupõe a existência de redes: na sociedade de origem, ajudam a organizar a saída dos emigrantes; na sociedade de destino contribuem para a sua integração social; entre a origem e o destino, onde desempenham um importante papel ao disponibilizar informação e contribuir para a manutenção de contactos e relações entre as duas sociedades onde se movimentam.¹¹

No caso de Macau, as famílias macaenses ocuparam esse lugar de destaque, desempenhando aquelas funções e garantindo que os recursos culturais da comunidade se constituíssem, para cada um dos migrantes, como um factor que oferecia uma mais-valia que o transformava em mão de obra atraente e,

por outro lado, num factor que facilitava a integração social no território de acolhimento.

A família Senna Fernandes, em grande medida, ilustra o papel desempenhado pela família macaense no processo da diáspora, incorporando no seu seio os fluxos migratórios que convergiram para Macau e participando nos movimentos de pessoas que se dispersaram pelo mundo onde, desde sempre, ensaiaram formas e inventaram soluções para, simultaneamente, se integrarem nos novos territórios que escolheram para viver e preservarem a sua identidade cultural e os laços de pertença à terra de origem... a Macau. **RC**

NOTAS

- 1 O presente ensaio baseia-se nas informações disponíveis na obra de Jorge Forjaz, *Famílias Macaenses*, vol. 3. Lisboa: Fundação Oriente/Instituto Cultural de Macau, 1996, pp. 541-578. Por isso, dispensamos o uso sistemático de notas de rodapé.
- 2 Carlos Cardoso, *Educação Multicultural. Percursos para Práticas Reflexivas*. Lisboa: Texto Editores, 2005, p. 19.
- 3 Renelde Justo Bernardo da Silva, *A Identidade Macaense*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2001, p. 69.
- 4 Pierre Bourdieu citado por Maria da Graça Jacintho Setton, "A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea", in *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.º 20, Maio/Agosto, 2002, pp. 60-70.
- 5 Cf. *ibidem*.
- 6 Cf. Pierre Bourdieu, *Capital cultural, escuela y espacio social*. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 2003.
- 7 Cf. Ray Hutchison, *Encyclopedia of Urban Studies*. Londres/Nova Iorque: Sage Publications, Inc., 2010.
- 8 Sobre o conceito de capital cultural cf. Alejandro Portes, "Capital social: Orígenes e aplicações na sociologia contemporânea", in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 33, 2002, pp. 133-158; e Paul White, "Individuals and Groups: Enabling Change in the Ethnic City", in Lucinda Fonseca (ed.), *Cities in Movement: Migrants and Urban Change*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 2008, pp. 125-135.
- 9 Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Hong Kong (Consulado de Portugal em Macau), Livro 231 – matrícula 707.
- 10 Cf. Alfredo Dias, "Os Refugiados de Hong Kong", in *Revista de Cultura/Review of Culture*, n.º 34 (2010), pp. 115-124.
- 11 Cf. M. Kritz; L. Lin; H. Zlotnik, *International Migration Systems*. Oxford: Clarendon Press, 1992.